

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XVII. UM QUADRO DE JORDAENS.

VITORINO, Pedro

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XVII. Um quadro de Jordaens. *Revista de Guimarães*, 48 (4) Out.-Dez. 1938, p. 211-217.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, Galerias e Colecções

XVII

Um quadro de Jordaens

A galeria municipal portuense tem sido, a bem dizer, estudada por pessoas alheias ao Museu. E' estranhável que, havendo a superintendência da Casa recaído quási sucessivamente em literatos de profissão, estes se não dispusessem a lançar mão da pena para tratar de assuntos que mais de perto lhes tocavam. Se alguma vez o fizeram, não foi no papel superior de críticos, mas de vulgares cronistas, em artigos ligeiros de jornal. Desapêgo completo do estudo, que explica o estado caótico permanente da galeria de pintura, sem ordenação, sem catálogo, tornada verdadeiro dédalo para o visitante desejoso de orientação.

Depois de remodelado o Museu Municipal, em 1902, ainda nos tempos remotos da Casa na rua da Restauração, em que saíu uma *Guia*, reveladora do alto interêsse que lhe consagrava o conservador Rocha Peixoto, não mais se tratou de remediar um mal por todos reconhecido mas por bem poucos verberado. Nem a salutar autonomia de 1919, em que o Museu foi desintegrado da Biblioteca, trouxe qualquer benefício que concretamente aproveitasse aos estudiosos. Algumas esperanças, muitas promessas em mirabolantes entrevistas nas gazetas diárias, e afinal, ao cabo quási de vinte anos, tudo na mesma, senão pior pela deterioração crescente das pinturas.

A respeito de publicações esclarecedoras, nada. Para entreter o público, meia dúzia de postais ilustrados e um *Album* onde os mesmos se reproduzem sem dados precisos.

Quem desejasse informações sôbre os quadros apresentados à vista no «cafarnaúm» das salas, que as procurasse onde quisesse; no Museu, de certeza, não as poderia obter. O que valia, era o público não ser exigente e contentar-se com o que lhe apresentavam: pinturas em geral mudas, algumas já sem números (de nada servindo a antiga *Guia*), que um guarda solícito, mas desconhecedor, às vezes punha a falar à custa de uma lista pacientemente copiada do antigo catálogo impresso em 1853 de que escapara um exemplar, inapresentável, quási em farrapos.

Quando raro visitante perguntava se havia catálogo à venda, o guarda respondia sempre «que estava a fazer-se». Isto deu lugar certo dia a que, picarescamente, se abespinhasse um visitante que ouviu a esperançosa informação duas vezes, com intervalo de... quinze anos; para o Pôrto, cidade tradicional do trabalho, o facto afigurava-se-lhe desconcertante, levando-o a crer, agastado, que o guarda gracejava. Porém o intento do pobre serventuário era digno: pretendia salvar «a honra do convento». O que o comprometeu perante o visitante foi a demora, a que era totalmente estranho...

*

* *

Empenhado em contribuir com a minha cota-parte para a confecção do malfadado catálogo, dispus-me a juntar elementos, quer em visitas a museus, quer em rebuscas de livros, que pudessem aproveitar a causa de que se trata. Alguns já neste mesmo lugar foram tornados públicos (*Rev. de Guimarães*, 1927, 1929, 1930 e 1936). Outros virão mais tarde.

Agora tratarei do n.º 323 da galeria: «Aldeão e aldeã, em caminho do mercado».

No *Catálogo provisório da Galeria de Pinturas do Novo Museu Portuense* — o Museu Allen —, aparecido em 1853, êste quadro era dado como original de Rubens, de acôrdo com a atribuição aposta no inventário, para efeito de venda à Câmara, subscrito quatro anos antes por João Baptista Ribeiro (vid. *Os Museus de Arte do Pôrto*, por Pedro Vitorino, Coimbra, 1930). Porém a *Guia do Museu Municipi-*

pal do Porto (1902) não admitia essa paternidade, lendo-se a seguinte observação da autoria do Professor Joaquim de Vasconcelos: «E', pelo menos, um bom quadro da escola do grande mestre. . . . Pode ser um bom trabalho de atelier de um dos melhores alumnos, p. ex. Jordaens.» O erudito critico fornecia apenas uma sugestão.

Contudo já anos antes o nome de Jordaens tinha sido indicado de forma categórica. Na revista lisboense *Branco e Negro* (27-VI-1897) o Professor Manuel Ramos, sob o pseudónimo de *Mosar*, ao descrever os valores artísticos do Museu do Pôrto, observava: «Por essa epoca (1891) o meu amigo e illustre critico d'arte sr. Antonio Arroyo, que durante a sua permanencia na Belgica se dedicou com amor ao estudo da pintura flamenga e hollandeza, visitou o museu Allen e não hesitou em attribuil-o a Jacques Jordaens. Esta attribuição foi posteriormente confirmada por tres valiosos testemunhos — o do sr. Van Mele, pintor belga (Gand) e director da escola de Audenard; o do sr. Bou-tet de Monvel, o distinctissimo artista francez; e o do sr. Emil Pacully, que nas suas recentes viagens pelos principaes museus da Europa tem procedido ás mais interessantes investigações.»

Junto agora novo testemunho confirmativo, recolhido directamente de uma das obras do próprio artista. Deu-mo com tôda a clareza o *Album de l'Exposition de Jacques Jordaens* realizada em Antuérpia no ano de 1905. A figura de aldeão com um cêsto à cabeça que emerge à esquerda no quadro do Pôrto, encontra-se com ligeiras variantes, emergente também do mesmo lado, no quadro *A adoração dos pastores*, pertencente, ao tempo, a Jonkheer W. Six, de Amsterdão. Pela cópia que fiz das duas figuras ajuíza-se perfeitamente a semelhança (vid. gravura). A propósito dêste quadro, o critico belga P. B. Jr. anotou: «Des types connus d'autres tableaux reviennent ici» (*L'Exposition Jordaens in L'Art Flamand & Hollandais*, n.º 12, 1905). Uma dessas figuras observa-se, assim, no quadro do Pôrto. Era um dos modelos preferidos pelo grande mestre, que, com o mesmo tipo, pode ainda ver-se noutros lugares, como nos quadros *O aldeão e o sátiro*, de

Alphonse Cels, de Bruxelas, e *A adoração dos pastores*, do Museu de Antuérpia.

Os modelos de Jordaens eram de preferência as pessoas que o rodeavam: sua mulher, a restante famí-



A — A «aldeã» do quadro do Museu do Pôrto.
B — «Aldeã» da ADORAÇÃO DOS PASTORES pintada por Jordaens.

Des. do autor.

lia, os criados e criadas, os quais êle apresentava nas pinturas com variantes diversíssimas.

Quanto ao colorido, às carnações, a observação dos quadros de Jordaens do Prado, Louvre e Museu Real de Bruxelas convenceu-me da autenticidade da teia do Pôrto. Maravilhoso colorido!

Não exagerou o escritor belga Emile Verhaeren ao afirmar: «Nul mieux que lui, pas même Rubens, ne traduit la chair. Il est des torsos, des dos, des cuisses baignés de lumière, qu'il vêt de beauté immortelle. La nuance, les valeurs, les tons, sont miraculeux. Il n'existe guère de plus solides, ni de plus admirables morceaux de peinture» (*La Belgique*, «Revue Encyclopédique», 24-VII-1897).

*

* *

Na obra de grande envergadura *Histoire de l'Art*, publicada sob a direcção de André Michel, o reputado crítico Luís Gillet, no estudo da pintura nos Países Baixos no fim do século XVI (tom. V, segunda parte, p. 856), reproduz um quadro pertencente ao Museu de Lille igual ao do *Aldeão e aldeã* do Museu do Pôrto, dando-o como da autoria de Joachim Beukelaer ou Beukelaer (Anvers, 1530? † 1575), ao qual concede estas palavras: «Un tableau comme les *Pourvoyeurs* de Lille est d'un homme qui déjà n'a plus rien à apprendre, et qui sait composer avec quelques éléments naturels, — une casaque de laine rouge et le pelage d'un chevreuil, — un étonnant chef-d'oeuvre d'harmonie somptueuse.»

A atribuição, por discordar de ideias já assentes acerca da pintura do Museu do Pôrto, interessou-me particularmente, pelo que procurei obter de fonte segura esclarecimentos circunstanciados. Ninguém estava melhor indicado para o caso do que o Sr. Pierre Turpin, erudito arqueólogo de Lille, com quem travei relações por intermédio do meu ilustre colega e amigo Dr. H. Bizarro, o qual com a sua costumada gentileza houve por bem atender as minhas impertinentes solicitações, quer enviando-me um pequeno catálogo que em parte redigiu, quer fornecendo-me, por carta, informações sobremaneira interessantes.

Nesse catálogo, intitulado *Cent tableaux do Musée de Lille*, vem o quadro em referência como da autoria de Frans Snyders (Antuérpia, 1579-1657), assim indicado:

«49. *Le Retour du Marché* (330). Provenance inconnue. Le Dr. Hofstede de Groot faisait remar-

quer en 1901 à M. Gavelle que l'attribution à J. Beuckelaer (1530-1570) par le catalogue était inadmissible, le tableau datant certainement du XVII^e siècle. Avant 1869: Attribué à Snyders, donné à Beuckelaer en suite (1869); Benoit maintient Beuckelaer, mais le catalogue de Demmler revient à Snyders et nous acceptons cette attribution.»

Eis o que me comunicou em Outubro de 1930 o Sr. Pierre Turpin, com cativante amabilidade: ... «Et d'abord que je vous félicite de la qualité de votre tableau, incomparablement supérieur au nôtre. Il est toujours difficile de juger d'une oeuvre par la seule photographie, si bonne soit l'épreuve. Mais j'ai l'impression que, seul, Jordaens était de taille à faire une toile de cette qualité. Un tableau analogue au vôtre: même scène à deux personnages, qui était en 1891 la propriété de Sir E. Guines a été attribué à Rubens... L'attribution à Beuckelaer de la toile du Musée de Lille est tout ce qu'il y a de moins certain. Elle a été fort souvent controuvéee avant que François Benoit l'eût adoptée dans son grand ouvrage sur le Musée de Lille. Depuis le professeur Hofsteede de Groot dont l'autorité est grande en matière d'art hollandais et flamand, avait nettement refusé d'admettre cette attribution, il considérait notre tableau comme postérieur en date; pour moi, j'inclinai à le donner à Snyders sans grande certitude d'ailleurs.

«Or c'est précisément à ce peintre (1579-1657) que l'attribue le catalogue, fort bien fait, dressé pendant la guerre par Théodor Demmler et Adolf Feulner, Munich 1918.

«Voici ce qu'ils disent.

«N.º 330 — Retour du marché. Toile. H. 185, L. 120. N.º 49 du Catalogue du Musée de Lille, attribution à Beuckelaer. Réplique d'atelier d'une oeuvre de Jeunesse de Snyders. Une réplique postérieure en date se trouve au Musée de Mans.»

O catálogo acima referido é aquele que os alemães elaboraram em Valenciennes, aonde foram conduzidas as obras de arte existentes nas regiões ocupadas quando da Grande Guerra; apesar de redigido com cuidado, no presente caso nada adiantou, o que mais uma vez mostra as dificuldades que

tais trabalhos apresentam. Por isso alguns fogem a êles...

Sobre a excelência da pintura, parece não se suscitarem dúvidas: à opinião elogiosa de Luiz Gillet acêrca da tela de Lille, sobrepõe-se dominadoramente o julgamento sincero do sr. Pierre Turpin (formulado perante uma boa fotografia tirada pelo Sr. Américo Teixeira Lopes) considerando muito superior o quadro do Museu do Pôrto.

Com o quadro de Lille e outro do Museu de Mans, citado no catálogo dos alemães, temos duas réplicas do quadro do Pôrto; dadas as qualidades que no mesmo se oferecem à nossa observação, deve ser êste, possivelmente, dos três, aquele em que o artista mais se esmerou.

O grande mestre repetiu muitos dos seus quadros, às vezes com variantes, como se pode ver no catálogo da *Exposition d'oeuvres de Jordaens et de son atelier*, que se realizou em Bruxelas por ocasião do 250.º aniversário da morte do pintor, em 1928. Artista desigual nas suas produções, algumas apresentam diferenças sensíveis nas qualidades de trabalho. Isto, porém, nada tira à sua glória. Jordaens, no dizer justo do eminente crítico Leo van Puyvelde, será sempre — «o pintor flamengo por excelência».

PEDRO VITORINO.